	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		1 de 26

PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)

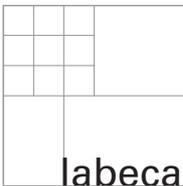
I. Título: A organização da *khóra*¹: a cidade grega diante da sua hinterlândia

II. Resumo:

Esta pesquisa tem por objetivo o estudo das formas de ocupação e uso da *khóra* grega entre os séculos VII e III a.C. Entendemos por *khóra* o território apenso aos núcleos urbanos das várias pólis gregas; a hinterlândia 'rural' controlada por uma pólis ou, ao menos, sujeita à expectativa de controle por parte de uma pólis. Fundamentados no interesse em formular uma conceituação mais abrangente da pólis, que permitisse uma melhor compreensão da sociedade grega, os estudos realizados no Labeca nos últimos quatro anos privilegiaram as formas de ligação entre *ásty* (centro mais densamente ocupado) e *khóra*: muralhas, portas, ruas de ligação, paralelismos entre as orientações de edificações em um e outro local. Foram também privilegiados os estudos mais aprofundados sobre a malha urbana e a especialização dos espaços neste contexto, visto a maior disponibilidade de documentação sobre os centros urbanos, tradicionalmente mais escavados. Com este novo projeto pretendemos focalizar as muitas maneiras encontradas pelos gregos de ocupar o território de suas cidades e de marcar suas fronteiras com outros gregos e com não gregos. Para esta pesquisa contamos com o acesso que o Labeca vêm possibilitando a relatos recentes de escavações e a bibliografia atualizada.

Conta-se com este novo projeto consolidar o *Laboratório de estudos sobre a cidade antiga* (Labeca – MAE/USP) criado em 2006. Neste Laboratório vem sendo reunida uma grande documentação: todo tipo de dados sobre inúmeras polis gregas (mapas, plantas, relatos de escavações, imagens e bibliografia atualizada). Documentação imprescindível ao desenvolvimento das inúmeras pesquisas sobre a cidade antiga e a sociedade grega. Desde 2006, o Labeca é um espaço de trabalho, reuniões e discussão a respeito desta temática e vem propiciando a formação de novos pesquisadores.

¹ Todos os termos em grego estão grafados de acordo com padronização explicitada no glossário do site www.mae.usp.br/labeca.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		2 de 26

III. Equipe²:

Profa. Dra. Maria Beatriz B. Florenzano (Coordenação geral, docente MAE/USP);

Profa. Dra Elaine Farias Veloso Hirata (docente MAE/USP) ;

Profa. Dra. Maria Cristina N. Kormikiari Passos (docente MAE/USP);

Profa. Dra. Marta Mega de Andrade (PD CNPq / Labeca em 2006/07 e docente UFRJ);

Dra. Adriene Baron Tacla (PD Fapesp / Labeca, atualmente docente da UFF),

Dra. Gilda Naécia Maciel de Barros (docente da FE/USP)

Prof. Dr. Francisco Marshall (docente da UFRGS)

Dra. Cibele E.V. Aldrovandi (PD Fapesp MAE/USP e posteriormente bolsista TTV/Fapesp/Labeca);

Dr. José Roberto Pellini (PD Fapesp Labeca/MAE/USP, atualmente docente da Universidade Católica de Goiás);

Dra. Patrícia Pontin (PD Fapesp/ Labeca);

Dra. Adriana Ramazzina (PD Fapesp/Labeca);

Regina H. Rezende (Bolsista TTIV Fapesp/Labeca e atualmente DO Fapesp/Labeca/MAE/USP),

Paulo Marcondes Machado (DO CAPES/MAE/USP, atualmente bolsista TTV/Fapesp/Labeca),

Ricardo Morais Scatena (DO FFLCH/USP);

Silvio L. Cordeiro (Arquiteto e videodocumentarista, Fapesp TT V/ Labeca e atualmente DO/CAPES/MAE/USP),

² Esta é a equipe completa envolvida na execução deste projeto. Chamamos a atenção para o fato de que na planilha modelo Fapesp encaminhada não pudemos fazer constar os bolsistas de TT do Labeca que participaram assiduamente nas discussões que permitiram a elaboração deste projeto e nem aqueles alunos Mestrandos ou Doutorandos que não são bolsistas ainda. Aqui, porém, constam todos os nomes.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		3 de 26

Wagner Souza e Silva (Fotógrafo, DO Fapesp/ECA/USP),

Philippe Racy Takla (DO/MAE/USP);

Judith Elazari (Assessoria Pedagógica MAE/USP),

Daniela Puccini (ME CAPES/MAE/USP);

Lílian Laky (ME CNPq/MAE/USP);

Maria Elizabeth Mesquita (ME / MAE/USP);

Silvana Diniz (ME Fapesp/ MAE/USP);

Christiane Teodoro Custodio (Bolsista TTIII/ Fapesp/Labeca e posteriormente ME/CNPq/ MAE/USP)

Scheila Koch (ME /CNPq MAE/USP)

Ana Paula Tauhyl (IC Fapesp/ Labeca e atualmente bolsista TTIV/Fapesp/Labeca);

Juliana da Hora (ME MAE/USP e atualmente bolsista TTIV/Fapesp/Labeca);

Estevam Lima de Almeida (Bolsista TTIII/Fapesp/Labeca);

Maria Cristina Abramo (Fapesp TT IV/ Labeca e atualmente ME CNPq MAE/USP);

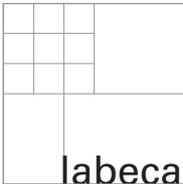
Tatiana Bina (Bolsista TTIV/Fapesp/Labeca)

Renata Ribeiro (Bolsista TTIV Fapesp/Labeca)

Rodrigo Bechelli (Infranology: Empresa terceirizada: apoio técnico)

IV. Histórico e metas alcançadas.

Em 2004 apresentamos à Fapesp um projeto temático sobre *A Cidade e seu território na Grécia Antiga. Organização do espaço e sociedade* (FAPESP 2004/14429-0, concedido a partir de 1º março de 2006) em que pretendíamos encontrar meios de interpretar os vestígios materiais relativos ao uso e à organização do espaço na Grécia antiga de sorte a aperfeiçoar o conhecimento já adquirido (através dos documentos materiais e textuais) a respeito das formas de organização social, política, econômica, ideológica da Grécia antiga. No bojo daquele projeto vinha incluída a criação de um *Laboratório de estudos sobre a cidade antiga* (Labeca) onde pudéssemos reunir os instrumentos

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		4 de 26

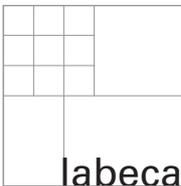
de trabalho necessários ao desenvolvimento desta pesquisa e que ao mesmo tempo se configurasse como um espaço de trabalho, reuniões e discussão a respeito da temática proposta, propiciando assim a formação de novos pesquisadores. A nossa intenção sempre foi a de atualizar em nosso país as diferentes abordagens sobre a cidade antiga grega, a pólis. Nosso intuito era, e ainda é, o de trazer à interpretação usualmente institucional e estática da cidade grega a contribuição do documento material, da Arqueologia, de maneira que a pólis como espaço criado pelos gregos se mostre com toda a sua complexidade e contradições. O projeto que agora encaminhamos à Fapesp sobre a organização da *khóra* grega nasceu das inúmeras atividades de pesquisa e das inúmeras oportunidades de leitura e discussão propiciadas pela estruturação deste Laboratório.

Vale então apresentar aqui um pouco do histórico do que foi alcançado para que se entenda que, ao apresentar um projeto novo, abrimos uma nova perspectiva na pesquisa pensando na continuidade das atividades do Laboratório que ora se consolida como espaço dedicado ao estudo da cidade grega antiga.

Com efeito, o aprofundamento da pesquisa sobre a cidade antiga grega -nos quatro anos em que pudemos contar com o apoio da Fapesp- revelou os vários campos de estudo que ainda estão em aberto para uma melhor compreensão da interação entre espaço e sociedade na Grécia antiga.

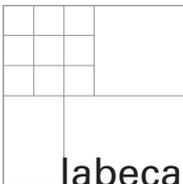
Isto se deveu, sobretudo, à possibilidade de acesso a dados recentes de pesquisas arqueológicas (através da aquisição de bibliografia e de visitas a sítios gregos na Itália do sul e na Sicília) e à formação de uma equipe competente e comprometida com os objetivos do Laboratório. Vale dizer que esta equipe não apenas esteve formada por Bolsistas de treinamento técnico Fapesp (neste momento são sete no Labeca), como por inúmeros alunos de IC, ME, DO, bolsistas Fapesp, CNPq ou Capes, por técnicos especializados do MAE/USP, por pesquisadores de pós-doutoramento diretamente vinculados ao Labeca, por colaboradores em outras Universidades brasileiras e pelas pesquisadoras principais, docentes do MAE/USP.

Foram muitas as realizações destes últimos quatro anos e o relatório final deverá ser encaminhado em fevereiro próximo. Apresentamos aqui, de forma sucinta, estas realizações de sorte a podermos introduzir o novo tema de pesquisa proposto como novo projeto temático, mas a ser desenvolvido com o apoio da infra-estrutura criada no Labeca pela Fapesp.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		5 de 26

Trabalhos de Iniciação Científica concluídos no período	3
Mestrados concluídos no período	5
Doutorado concluído no período	1
Pesquisas de Pós-doutoramento concluídas no período	5
Artigos ou capítulos de livro publicados ou no prelo por membros da equipe	17
Livros Labeca (no prelo, um com previsão de publicação em dezembro e outro em editoração)	2
Livros publicados de autoria ou organizados por membros da equipe	4
Reuniões científicas nacionais	9
Reuniões científicas internacionais	5
Apresentações em eventos nacionais	40 ³
Apresentações em eventos internacionais	5
Organização de Simpósios Nacionais.	2
Ciclo de palestras de professores visitantes	1
Atualização bibliográfica permanente disponibilizada para pesquisadores via site.	
Reuniões mensais da equipe em torno de apresentações do andamento de pesquisas, de leituras programadas ou em torno da discussão de temas específicos	
Viagens de pesquisa à Europa em equipe	2
Viagens individuais de pesquisa à Europa (dos vários membros da equipe)	7
Site disponibilizando boa parte da pesquisa científica do Laboratório a outros pesquisadores. (www.mae.usp.br/labeca) .	1
Videodocumentários sobre <i>Siracusa Cidade antiga</i> e sobre o <i>Teatro na cultura grega</i> acompanhados de encartes explicativos. Resultados da pesquisa sobre a linguagem visual científica da Arqueologia.	2

³ Destas, 5 pôsteres foram reapresentados em três eventos nacionais diferentes.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		6 de 26

Filmes curtos para inclusão no site Labeca (previsão de término em fevereiro 2010). Resultados da pesquisa sobre a linguagem visual científica da Arqueologia.	2
Disciplinas ministradas de graduação, pós-graduação ou extensão vinculadas à pesquisa do Projeto temático	9
Redação de textos com resultados de pesquisas para inserção no site	18
Tradução de fragmentos de fontes textuais antigas sobre a cidade (no site)	17
Tradução de textos (artigos ou capítulos) científicos para disponibilização para a pesquisa via site.	29
Pesquisa etimológica e de significado histórico de termos ligados ao estudo da cidade antiga e tradução para o português	637
Pesquisa iconográfica sobre o assentamento de 110 pólis gregas de época arcaica e clássica, reunindo imagens em Banco específico disponibilizado para pesquisadores.	3596 imagens tratadas
Exposição fotográfica com resultados de pesquisa de campo e de experimentação com a linguagem visual científica da Arqueologia.	1

V. Objetivos: apresentação do tema

Esta pesquisa tem por objetivo o estudo das formas de ocupação e uso da *khóra* grega. Entendemos por *khóra* o território apenso aos núcleos urbanos das várias pólis³ gregas; a hinterlândia 'rural' controlada por uma pólis ou, ao menos, sujeita à expectativa de controle por uma pólis. Se assumirmos como correta a afirmação do arqueólogo inglês A. Snodgrass de que o termo pólis "denota, em senso estrito, uma unidade política que consiste de um assentamento e seu território, unidos politicamente um com outro e independente de outras unidade políticas" (1986: 47), temos que aceitar que a *khóra* em uma pólis era parte estruturante da sociedade e que depende do conhecimento das formas de sua ocupação e uso a nossa compreensão da natureza mesma da cidade grega antiga.

A historiografia sobre a cidade grega antiga privilegiou sempre o estudo dos núcleos urbanos e dos espaços mais densamente construídos. Atitude devida, talvez, à influência de uma conceituação moderna de cidade em que o foco primordial é dado à urbanização⁴. Por outro lado, a força da afirmação de Platão de que os gregos estavam "instalados à volta do mar tal como formigas e sapos em volta de uma lagoa" (Fédon, 109 a-b), dirigiu o nosso olhar para o mar Mediterrâneo como via primordial de contato, de comunicação e de integração entre os gregos. Sempre se pensa no Mediterrâneo como a principal fronteira e ao mesmo tempo como o traço de união entre os gregos, um verdadeiro 'cimento líquido' (Gras, 1998: 7). Esta perspectiva levou sempre os historiadores a valorizar a faceta urbana e

3 Não retomaremos neste projeto as intermináveis discussões sobre o conceito de pólis ou de cidade. É no entanto, imprescindível deixar claro aqui que assumimos a pólis como a moldura ("interativa") criada e permanentemente modificada pelos gregos e no interior da qual a sociedade se movimentava. Citando G. Sartori: "É só porque o homem vive na pólis e porque a pólis vive nele que o homem se realiza como tal." (1979:158)

4 Chamo a atenção para a questão da própria definição de 'civilização' muito associada ao urbanismo, ao adensamento populacional em um único assentamento. Neste sentido o texto clássico é, sem dúvida, o de V.G. Childe "The Urban Revolution". **Town Planning Review**, 21, 1950: 9-16.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		7 de 26

portuária da pólis grega; a enxergar a pólis como uma janela debruçada sobre o mar. E isto, mesmo reconhecendo o caráter agrário da sociedade antiga.

A nossa proposta de aprofundar o estudo das formas de ocupação e uso da *khóra*, implica em aceitar que a pólis grega investia energia considerável também na valorização do seu interior: dele dependia a sua sobrevivência cotidiana; dali vinha boa parte da riqueza da pólis; por ali passavam rotas de contato e de comércio que talvez, tanto quanto as rotas marítimas, davam vida às cidades. A posse de territórios cada vez mais extensos gerava, no mundo competitivo das pólis, o poder que tanto almejavam, e o contato com as populações interioranas, gregas ou bárbaras, agia como um dos motores de transformação da sociedade.

Ainda que os autores antigos –sobretudo dos séculos V e IV a.C. como Heródoto, Tucídides, Platão, Aristóteles, Xenofonte e tantos outros- mencionem e muitas vezes descrevam elementos da *khóra*, o aprofundamento de seu estudo só é possível hoje graças ao desenvolvimento nas últimas duas décadas dos trabalhos arqueológicos de prospecção de superfície. Estes, realizados por amostragem nas várias regiões do mundo grego antigo tem revelado tendências na longa duração das diferentes modalidades de ocupação e de uso do território⁵. Associadas a estas prospecções, escavações pontuais no território têm também oferecido grande riqueza de dados sobre as várias ações empreendidas pelos gregos na valorização da hinterlândia.

São estes estudos arqueológicos que permitem a identificação, na longa duração, de tendências de ocupação dos territórios das pólis gregas; da evolução das formas de povoamento rural na Grécia antiga. Por eles sabemos, por exemplo, que no decorrer da época clássica e no início do período helenístico ocorreu o auge da ocupação rural em todo o Mundo grego, o que significa que uma parte considerável da população das pólis vivia nos séculos IV e III a.C. no campo e não nos núcleos urbanos. (Brunet, 2000: 32).

Acompanhando de perto os estudos arqueológicos e os dados trazidos pela epigrafia antiga pudemos definir **três questões principais** que concernem a *khóra* grega. A primeira delas diz respeito às várias maneiras de exploração econômica da hinterlândia grega ou de usufruto desses territórios: ocupação nucleada, ocupação dispersa, propriedades privadas, propriedades públicas, agricultura intensiva, agricultura extensiva, pastoreio, mineração, centros produtores de cerâmica, exploração de madeira, etc. Mesmo os terrenos limítrofes das pólis, definidos pelos gregos do século IV a.C. como *eschatiai*, como áreas tampão, improdutivas, reservas de lenha e madeira, têm aparecido nestes estudos, como territórios extremamente valorizados e produtivos.⁶

A segunda questão diz respeito à definição de fronteiras já que tanto prospecções de superfície

⁵ Veja-se a bibliografia (www.mae.usp.br/labeca) para as inúmeras publicações dos resultados deste tipo de trabalho.

⁶ Cf. Mais adiante neste projeto.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labecca		8 de 26

quanto escavações vêm demonstrando a necessidade que os gregos sentiam em estabelecer os limites na hinterlândia seja entre as próprias pólis, seja entre gregos e vizinhos bárbaros. Ao mesmo tempo em que se percebe no material arqueológico a pontuação de limites definidos, registra-se que meios de convivência eram garantidos nas fronteiras de maneira a promover as passagens e os contatos com o exterior da pólis.

O terceiro tema que é propiciado pelo estudo da *khóra* diz respeito ao seu relacionamento com o núcleo urbano; diz respeito às maneiras encontradas para garantir a integridade da pólis e a articulação efetiva de suas partes. Esse estudo começa necessariamente pela identificação das portas nos muros que normalmente circundavam as *ásty*, i.e. os núcleos urbanizados das pólis, já que são essas portas que abrem estes núcleos para as suas respectivas *khórai*. Este é um estudo que passa também pela identificação de vias na própria *khóra*; de eixos e de orientações comuns entre construções na *khóra* e na *ásty*; pelo registro de áreas sagradas na *khóra* que possam ser associadas àquelas da *ásty*. Esta perspectiva vem sendo explorada timidamente em nosso Laboratório e sempre em relação a temas bem específicos: identificação de vias que unem as portas de entrada e saída da *ásty* ao centro do núcleo urbano; identificação de funções dos santuários extra-urbanos; simbologia implicada na instalação de muros, e assim por diante. Trata-se agora de mapear a paisagem territorial em sua complexidade e identificar como esta se articulava à paisagem urbana em termos da organização social.

Nosso objetivo nesta pesquisa, portanto, é o de recolher e sistematizar a documentação sobre a *khóra* na cidade grega, explorando os três temas expostos acima de sorte a promover o enriquecimento da nossa reflexão sobre a pólis e conseqüentemente sobre a sociedade grega antiga..

Não podemos prosseguir, no entanto, para o aprofundamento de nossas justificativas na escolha deste tema, sem antes estabelecer os nossos **parâmetros cronológicos e espaciais**. Até aqui, referimo-nos à pólis grega de maneira genérica, como se fosse uma entidade estável tanto no tempo quanto no espaço. É preciso dizer, no entanto, que a caracterização da cidade grega de forma ampla apresenta uma série de dificuldades que devem necessariamente ser levadas em consideração. A primeira delas diz respeito à amplitude cronológica dos assentamentos urbanos que costumamos chamar de pólis ou de cidades gregas. Estes assentamentos surgiram no mundo grego a partir do século IX a.C. e conheceram uma longa história por pelo menos cinco séculos. Por outro lado, do ponto de vista espacial, a difusão da cidade grega tem uma abrangência poucas vezes considerada pelos historiadores: do sul da Espanha até os cantos remotos do Mediterrâneo oriental, passando naturalmente pelo sul do que hoje chamamos Itália, pelo Norte do continente africano e pelo litoral da Turquia e dos países que margeiam o Mar Negro. Esta realidade fragmentada criada pelos próprios gregos, colocou-os diante de desafios enormes para a sobrevivência: respostas específicas foram necessárias à adaptação em paisagens tão diversificadas; e o contacto com grupos humanos organizados de forma completamente diferente da sua exigiu criatividade e muitas vezes tolerância para a preservação da própria identidade. Nossa intenção nesta pesquisa –da mesma maneira como

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		9 de 26									

já procedemos nos estudos sobre a malha urbana grega- é tentar encontrar os traços que, no interior da variedade, marcam a identidade grega em época arcaica e clássica, entre os séculos VII e III a.C. Provêm destes séculos a maior quantidade de documentação que possuímos. Não há como negar que apesar de possuímos no Labeca uma quantidade enorme de documentação de todo o Mundo grego, a maior parte é da Grécia Ocidental (Magna Grécia e Sicília). Assim, prevemos uma viagem no próximo período à Grécia Balcânica com o intuito de reunir documentação arqueológica das pólis gregas do Leste.

VI. Justificativa: estado atual da arte

a. Formas de ocupação da *khóra*.

Os estudos sobre a ocupação da *khóra* interessaram inicialmente aos especialistas que se ocupavam do mundo grego ocidental, a Magna Grécia e a Sicília, e àqueles que escavavam as cidades gregas assentadas às margens do Mar Negro na antiga URSS, cidades como Ólbia, Ístria, Quersoneso, Panticapaeum.

Na Europa ocidental, os primeiros estudos sobre a *khóra* datam dos anos de 1957 e 1959 quando Schmiedt e Chevallier realizaram fotografias aéreas dos sítios arqueológicos de Metaponto e de Caulônia no sul da Itália. A partir destas fotografias percebeu-se a existência nestas pólis de um território organizado e que se articulava com um centro mais densamente povoado, a *ásty*. A partir destas descobertas, projetos de escavação sobre o terreno e de prospecção de superfície começaram a se desenvolver nestas pólis e em muitas outras pólis ocidentais, revelando aspectos essenciais da organização espacial e conseqüentemente da organização social dos habitantes de cada assentamento, na medida em que esta, como somos obrigados a admitir, se faz representar materialmente no terreno.

O diálogo com os arqueólogos da então URSS teve início logo em seguida, durante a década de 1960: afinal, a percepção era àquela época que tanto o Ocidente grego quanto o Mar Negro eram 'áreas coloniais' da Grécia e que portanto algo em comum deveriam ter.⁷ Marxistas por formação, os pesquisadores soviéticos entendiam que o conhecimento da sociedade grega dependia do conhecimento das infra-estruturas materiais. Por isso, já na década de 1950 começaram a pesquisar as cidades gregas do Mar Negro, entendendo a *khóra* como a área de produção e portanto postulando que o caráter da pólis somente poderia ser entendido se levada em conta a articulação do centro com o território.

Neste contexto, dois estudos foram fundamentais e levantaram os principais problemas a

⁷ As pesquisas em nosso Laboratório tem demonstrado que se buscamos uma compreensão do Mundo grego como um todo devemos abdicar de uma posição em que a Grécia Balcânica seja considerada a única matriz de formação da helenidade. Assim, hoje, para nós, os termos 'colônia', 'metrópole' e 'colonização' gregas devem ser utilizados criticamente.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		10 de 26

serem discutidos com relação ao território das cidades gregas: *La città e il suo territorio* de vários autores (1968) e *Problèmes de la terre en Grèce Ancienne* editado por M. Finley (1973). A perspicácia dos autores que publicaram suas reflexões nestas duas obras tornaram-nas obras clássicas sobre a temática da *khóra* grega de sorte que até os dias atuais o diálogo com elas se mantém e de maneira bastante profícua.

Inicialmente a problemática colocada diz respeito à própria conceituação de *khóra*: de qual território estamos falando? (Lepore, 1968). Daquele juridicamente sob controle de uma pólis ou de área em que a ocupação de uma cidade afirma-se em alguns momentos e retrai-se em outros? Há uma fronteira estabelecida e reconhecida? A história das pólis gregas e não apenas daquelas que foram fundações mais recentes a leste e a oeste dos Bálcãs, está repleta de episódios de conflito pela posse de territórios, não apenas entre gregos e populações não gregas –os bárbaros- como também entre as várias pólis gregas. Na verdade, se há, por um lado, ao que tudo indica e pelo menos em época clássica, um núcleo urbano definido, muitas vezes até circundado por muralhas, a *khóra* parece ser um território mais flutuante, em que os limites avançam e recuam.⁸ Assim sendo, a *khóra* a ser investigada neste projeto é aquele território sobre o qual a Arqueologia ou a epigrafia podem identificar a influência de uma determinada pólis. A questão do domínio jurídico de um território que pelos textos antigos parece ter existido, pode ser comprovada arqueologicamente em pouquíssimos casos como talvez no de Atenas, por exemplo.

Em segundo lugar, interessa identificar e compreender o tipo de ocupação promovido por uma pólis na hinterlândia. Há vilas ou aldeias na *khóra*? Há necrópoles? Há santuários? Há fazendas isoladas e de que tamanho? A ocupação das áreas planas é igual à das áreas montanhosas? Há oficinas (ou áreas) de trabalho na *khóra*? Há canais de drenagem, vestígios de irrigação? Há indicadores de lotes, há muros, portões? A que demandas responde a ocupação de um território por uma pólis: trata-se da garantia da sobrevivência pura e simplesmente ou há questões relativas à afirmação e manutenção de poder?

Poderíamos continuar com indagações sem fim sobre o uso que os gregos faziam do território, sobre a maneira como o disciplinavam, sobre os significados que a este território atribuíam. E são estas questões que se respondidas ou ao menos encaminhadas nos permitirão compreender melhor o espaço vivido pelos gregos e conseqüentemente a organização social. As respostas a muitas destas questões nos colocam diante da população que fazia uso dos terrenos efetivamente e não apenas daqueles que eram institucionalmente reconhecidos pela pólis, os cidadãos. E, em se considerando estudos individualizados sobre pólis específicas, muita luz tem sido jogada sobre estas questões.

Os estudos espaciais sobre o território de Metaponto, por exemplo, tem encaminhado um sem número de questões interessantes sobre o uso do território por gregos e bárbaros concomitantemente. Percebemos pela documentação arqueológica dessa cidade a dificuldade em se identificar nos lotes agrários visíveis na fotografia aérea a projeção simbólica do corpo cívico: o material encontrado nesses

8 Falaremos mais adiante a respeito das fronteiras.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		11 de 26

lotes demonstram que muitas negociações devem ter sido feitas com os habitantes originais da área em que foi fundada a Metaponto grega. Dinu Adamesteanu nas décadas de 1960 e 1970 e John Carter, a partir dos anos de 1980, demonstraram em seus estudos a existência, em vários pontos da malha espacial no território, de santuários e de necrópoles em que material indígena⁹ e material grego dos séculos VI e V aparecem misturados, mostrando uma *khóra* vivenciada não apenas por gregos. Estes indígenas, em que medida não teriam sido integrados em períodos específicos ao corpo de cidadãos? Assim, ao lidar com o espaço a partir da documentação arqueológica e epigráfica, no mais das vezes, devemos nos referir à organização social dos habitantes de um assentamento de forma genérica, porque o estatuto cívico dos habitantes escapa quase sempre destas disciplinas.

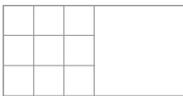
Por outro lado, há todo um debate sobre a questão das maneiras de organizar os terrenos na *khóra*: por meio de assentamentos nucleados ou por meio da instalação de fazendas mono-residenciais isoladas. Debate exposto com competência em nosso meio por Chevitaese (2001), para o caso de Atenas; por Carter (2006) para o caso de Metaponto; por Belvedere (2000) para o de Himera, ou por Brunet (1996) para o de Tasos. Questão que em última análise tem a ver com o tamanho das propriedades, com as formas de exploração da terra (produção para consumo próprio ou não), mão de obra servil, e assim por diante. A existência de campos extensivamente cultivados, sem qualquer tipo de residência (como em alguns terrenos de Metaponto) também é uma questão que precisa ser encaminhada: a mão de obra é pendular e se movimenta cotidianamente entre o centro urbano e o campo? (Chevitaese, 2001). Qual é a distância que o agricultor tem que percorrer a pé?

O problema do tipo de assentamento na *khóra* envolve também o equacionamento das formas de distribuição das terras mais férteis e mais planas e das terras montanhosas. Diz respeito ao tipo de cultivo praticado, extensivo (cereal, por exemplo) que demanda atenção em apenas algumas época do ano e daí a não necessidade de instalação permanente na *khóra*, e o intensivo nas montanhas (oliveira, vinha, etc.) que requer cuidados o ano todo e eventualmente instalações residenciais permanentes nas imediações. (Foxhall, 2005)

O estudo demográfico é também uma das vertentes que vem interessando os especialistas que lidam com a ocupação dos territórios das pólis gregas. Valendo-se de métodos estatísticos sofisticados, alguns resultados interessantes apareceram nos últimos anos na bibliografia sobre o cálculo de população em relação ao cálculo da produção agrária, ou ao cálculo de habitantes por residência. Ainda que não seja nossa pretensão usar este tipo de metodologia, poderemos aproveitar as conclusões de alguns desses estudos para a interpretação da nossa documentação. (Muggia, 1997; Hansen, 2006; Gallo, 1999)

Estas e outras questões sobre o uso e aproveitamento da *khóra* grega vem sendo encaminhadas individualmente para uma pólis, ou para uma região (vide a nossa bibliografia). Da mesma forma

9 Ainda que inadequado, o termo 'indígena' é o utilizado em toda a bibliografia sobre esta região em época grega para definir as populações que ali habitavam antes da fundação das pólis gregas a partir do século VIII a.C. Nós seguiremos esta terminologia.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		12 de 26

como fizemos para o tratamento das diferentes malhas urbanas no período anterior, pretendemos agora, com esta pesquisa, sistematizar toda a documentação e tentar, pela comparação, buscar os denominadores comuns da helenidade com relação à organização deste espaço especificamente.

b. Fronteiras territoriais.

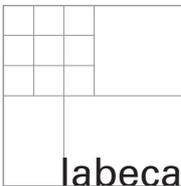
Se por um lado, o mar se apresenta como uma fronteira natural e já dada para boa parte das pólis gregas, por outro, as fronteiras territoriais devem ser definidas por iniciativa da própria pólis. Entretanto, como já mencionamos, se entendermos a fronteira –como no mundo moderno ela é entendida- como uma linha que divide áreas de jurisdição distinta não conseguiremos nunca definir o território das pólis gregas. Por isso, sem dúvida Lepore introduziu o conceito de *frontier history* no estudo das cidades do mundo grego ocidental (1967). A *frontier history* não se ocupa do que está institucionalizado mas sim do que ocorre socialmente, do contato e do conflito entre duas sociedades diferentes, duas estruturas sócio econômicas diversas (Lepore 1967; Lombardo 1994: 58). A utilidade desta conceituação para os estudos das áreas fronteiriças entre gregos e bárbaros (norte do Egeu; Mar Negro; Ásia Menor; Magna Grécia e Sicília; Sul da França e Espanha, norte da África¹⁰) é evidente, até por que como já deixamos claro anteriormente, não há documentação material ou textual que nos permita estabelecer linhas fixas de fronteira nas pólis gregas.

Entretanto, a questão das fronteiras na cidade grega antiga vai muito além do contato ou do conflito entre populações com estruturas sócio econômicas diferentes. Na verdade, como atestam os exemplos famosos de conflitos territoriais entre Tebas e Atenas; Argos, Micenas e Tirinto; Crotona e Síbaris; Agrigento e Himera e tantos outros, a disputa por fronteiras entre as próprias pólis gregas também fazia parte das definições e re-definições de limites e de territórios. Questão esta que nos joga diretamente no problema da definição de identidades, não apenas entre gregos e não gregos como também entre gregos e gregos. Há de se refletir, por exemplo, em que medida a marcação das fronteiras territoriais corresponderia à marcação e/ou criação destas identidades individualizadas entre as pólis. Por sua vez, a definição de identidades não pode ser estudada sem que se considere o fato de que a estruturação de muitas pólis em época arcaica se sobrepôs a distintos étnicos pré-existentes como, por exemplo o dórico, o aqueu e jônico, que resistiram até muito depois de consolidadas as cidades.

Nestes casos, talvez o quadro conceitual criado por Renfrew e Cherry da *peer polity interaction* (1992) possa contribuir para a melhor compreensão dos fatores que agenciavam a formação dessas fronteiras. Na análise destes autores, muitas sociedades que se estruturaram na antiguidade a partir de unidades políticas independentes contavam com a competição em todos os níveis –o aumento e manutenção territorial sendo um deles- como elemento estruturador e ao mesmo tempo agenciador de transformações.¹¹ A posse de maior quantidade de território poderia, nesta perspectiva, estar ligada a

10 Está prevista a criação de um grupo de estudos no Labeca que deverá aprofundar a pesquisa sobre a fronteira grega ocidental com os púnicos e sobre as instalações gregas no Mar Negro. Vide cronograma mais abaixo.

11 Cf Snodgrass (1992) sobre a *peer polity interaction* e o estabelecimento dos estilos artísticos na Grécia do

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		13 de 26

questões não apenas de riqueza, sobrevivência ou defesa mas à manutenção e ostentação de poder.

Como quer que seja, interessa-nos nesta pesquisa, consolidar a documentação sobre a definição das fronteiras na pólis grega de sorte a estruturar uma síntese sobre a simbologia da ocupação, sobre a afirmação de poder político, sobre as questões ligadas à sobrevivência, ao contato entre grupos diferentes, à defesa e à proteção da *khóra* grega.

Nesta perspectiva, vale mencionar aqui dois traços da civilização grega de época arcaica e clássica que dizem respeito à marcação de fronteiras e que vêm recebendo atenção nos dois últimos decênios: a instalação de santuários extra-urbanos e a criação de pequenos assentamentos militares na hinterlândia conhecidos pelo nome de frúion (pl. frúria). Em 1967, Georges Vallet ao escrever sobre a cidade grega e seu território introduziu a temática dos santuários extra-urbanos como marcadores territoriais, marcadores de posse e de identidade de uma pólis.¹² Sua hipótese foi retomada mais tarde por F. de Polignac (1994) e continua sendo discutida nos dias atuais, à luz de novos achados arqueológicos. Na interpretação de Polignac que abrange não apenas a Grécia Ocidental, mas sim toda a helenidade, os santuários extra-urbanos haviam sido fundamentais na própria criação da pólis e em sua história posterior, no sentido de consolidar solidariedades, no sentido de unir os cidadãos em torno de cultos mediados, tanto no território quanto no centro urbano. Divindades protetoras do território e divindades relacionadas à fundação da pólis eram assim cultuadas promovendo a unidade entre as várias partes da cidade. Os santuários entrariam assim, como elementos importantes na defesa de fronteiras dando a estas tanto funções estratégicas quanto funções simbólicas. A flexibilidade e as disputas nas fronteiras, seriam apenas mais um motivo para a instalação deste tipo de santuários.¹³ Por outro lado, os dados de escavação provindos de cidades como Gela, Tarento, Síbaris –para não mencionar apenas o caso bem conhecido da Ática-¹⁴ mostram uma hinterlândia pontuada desde o final do período arcaico por um número significativo de locais de culto religioso de muitos tipos, pequenos ou grandes. Fato que pode indicar que o estabelecimento de uma paisagem religiosa implica igualmente no estabelecimento de uma paisagem de poder sem a necessidade de aparato militar. Em muitos casos esta indicação pode ser reforçada pelo uso da monumentalização de santuários na *khóra*. Para citar apenas alguns casos, podemos falar das áreas sagradas a leste e oeste da *ásty* de Selinonte; nos inúmeros santuários extra-urbanos da Ática (que foram inclusive reformados e revitalizados durante o governo de Péricles); nos santuários extra-urbanos de Mileto, de Poseidônia e assim por diante.

período arcaico.

12 Antes de Vallet e desde o início do século XX, a idéia predominante era que estes santuários extra-urbanos – ao menos os do Ocidente grego - eram locais de frequência muito antiga, indígena, que os gregos haviam reforçado quando de sua chegada ao Sul da Itália e à Sicília. Em torno dos anos de 1950 começou-se a pensar que talvez tivessem sido locais de frequência micênica, da Idade do bronze. (Greco, 2008: 57)

13 A questão dos santuários de fronteira já vem sendo estudada em nosso Laboratório por uma mestranda Silvana Diniz, que justamente lida com os santuários de Hera, deusa protetora da família como núcleo primeiro da formação da sociedade; e por uma doutoranda, Regina R. Bechelli que pesquisa a distribuição geral de santuários nas pólis gregas. (cf site www.mae.usp.br/labeca)

14 Para Tarento veja-se principalmente Greco (1981); para Síbaris, Lombardo (1994) e Gualtieri (1997) e sobre Gela veja-se Panvini (1996). Para a Ática veja-se o já citado Chevitarese (2001) com bibliografia precedente.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		14 de 26

Os frúria, por sua vez, também parecem ter tido uma função essencial na marcação de influência de uma pólis sobre um determinado território. Vestígios destas instalações na *khóra* tem demonstrado o quanto era importante para as pólis gregas garantir sob a sua influência direta um cinturão territorial que representasse não apenas mais terras passíveis de exploração agrícola mas também a facilidade de acesso a um interior mais remoto. Os frúria de Casmene e de Akrai na *khóra* siracusana são exemplos que merecem ser citados neste caso (Mertens, 2006; Cerchiai, 2004; Di Vita, 1961). Mas, estas foram instalações planejadas por Siracusa, com dimensões consideráveis, destinadas a manter o controle sobre um vasto território interiorano e sobre as rotas de acesso ao interior. Inúmeras outras cidades mantinham frúria mais modestos: pequenas torres militares, amuralhadas e anexadas a pequenas aldeias. A Arqueologia constata este tipo de instalação nas *khórai* de Himera, Velia, Agrigento, Tarento, Lócris, para citar apenas algumas. O interesse do estudo dos frúria reside não apenas no fato de que o seu mapeamento permite compreender até onde se estendia o interesse de uma pólis na hinterlândia, mas também no fato de que em muitíssimos casos estas instalações são os locais mesmos do contato cultural entre pólis e entre gregos e indígenas, além de se configurarem como pontos de paragem nas rotas de comunicação em direção ao interior. Juntamente com a paisagem religiosa, os frúria demonstram a complexidade das ações empreendidas pelos gregos no intuito de disciplinar o espaço e de estabelecer as fronteiras de suas cidades.

Devemos considerar ainda neste item, a re-avaliação necessária das *eschatiai*. A definição já considerada como clássica desta área da pólis grega, muito referida nos textos antigos, é do epigrafista francês L.Robert: “As *eschatiai* nas cidades gregas é a região além do cultivado, dos domínios e das fazendas que ocupam as planícies e os vales, é a região ‘do fundo’, terras ruins, de uso difícil nas montanhas ... deixadas aos pastores, aos carvoeiros...” (1960: 304-305) Assim, de acordo com este autor, a *eschatia* era o terreno além do centro urbano e das terras cultivadas, eram as terras nas fronteiras sem maior interesse para a pólis a não ser a manutenção da fronteira. Hoje, esta posição vem sendo revista e documentação arqueológica e epigráfica vem jogando uma nova luz sobre a produtividade econômica desses terrenos e sobre os vários sentidos simbólicos que estes terrenos assumiam entre os gregos (Daverio-Rocchi, 1988; Rousset, 1994 e Giangiulio, 2001). Com efeito, a quantidade de achados arqueológicos tem demonstrado que mesmo que estes sejam terrenos periféricos e fora do que nós poderíamos chamar de ‘centro’, eles não parecem estranhos às dinâmicas sócio-políticas ou sócio-econômicas da vida coletiva. A própria distribuição de santuários e de frúria nos limites da *khóra* é um indicativo disto. Me parece, portanto, que os dados que possuímos sobre as *eschatiai* devem ser levados em consideração no aprofundamento dos estudos sobre a *khóra* grega e no sentido de melhor compreender a própria natureza da pólis.

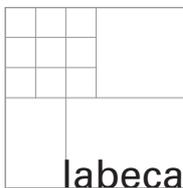
c) A relação *ásty* e *khóra* na pólis grega

Nos últimos quatro anos tivemos a oportunidade de aprofundar o estudo sobre a urbanização na Grécia, sobre a estruturação da malha urbana nas pólis gregas. Temas como a especialização dos

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		15 de 26

espaços, a ortogonalidade da grade, o ajuste da grade à topografia do terreno, a importância política e religiosa das praças, a monumentalização de edifícios e da própria malha, a comunicação entre áreas especializadas, foram todas questões que mereceram nossa atenção e reflexão. Mas, como dissemos acima, a pólis não era feita apenas do núcleo urbano; a *khóra* era uma parte estruturante da cidade grega e a articulação física entre o núcleo urbano e seu território era um ponto crucial para a manutenção da integridade da cidade. Em nossa pesquisa sobre a malha urbana, identificamos em inúmeras pólis a existência de muros circundando a *ásty* com suas respectivas portas. Interessou-nos sobretudo o fato de que de muitas dessas portas saíam ruas ou avenidas que ligavam as entradas da *ásty* diretamente às suas áreas centrais: à agora, ao teatro, aos edifícios que abrigavam as atividades comunitárias, promovendo assim a inclusão de quem chegava pelas portas. (Perring, 1991) Mas, e do outro lado, em direção à hinterlândia? Que maneiras foram encontradas de disciplinamento do espaço que facilitassem a comunicação e a integração do habitante da *khóra* na pólis? Como sempre, para a nossa pólis exceção, Atenas, conhecemos o trajeto de várias vias, sobretudo pela documentação textual, que atestam a integração da *ásty* com a *khóra*: por exemplo, a via de 18 km que ligava a própria acrópole e ágora de Atenas à área sagrada de Eleusis, ou a via ao longo dos Grandes muros que passava por uma boa parte da *khóra* antes de chegar ao porto do Pireu. Mas, com relação às demais pólis gregas, se quisermos compreender como era processada a integração *ásty* e *khóra*, a nossa dependência em relação à Arqueologia é praticamente total. Podemos constatar já alguns avanços com relação a pólis específicas, sobretudo em relatórios de escavação. Podemos citar como exemplo o caso de Camarina na Sicília do século V a.C. em que a rua principal que atravessava a *ásty* em sentido Leste-Oeste saía pela porta Leste nos muros e prolongava-se em linha reta até a Necrópole de Rifriscolaro e ortogonalmente em relação a esta via e à malha urbana da *ásty* foram encontradas pelo menos duas fazendas agrícolas, Iurato e Kastalia. (Di Stefano, 2000) O mesmo é comprovado em relação a Olinto na Calcídica, ao norte do Egeu, em que a assim chamada fazenda da Boa Sorte, ainda que esteja na *khóra*, fora dos muros, obedece à mesma orientação que a grade urbana da *ásty*. (Cahill, 2002) Em outras localidades, constata-se que a malha urbana, mesmo sendo ortogonal, não se estende para a *khóra*, mas mesmo assim, algum meio de integração deveria ser previsto. Nossa intenção é sistematizar estes dados de sorte a poder elaborar um quadro mais amplo que facilite a reflexão sobre a natureza da cidade grega antiga.

Um outro assunto que deverá receber a nossa atenção e que concerne a articulação da *ásty* à *khóra*, é a identificação no interior da *ásty* de uma 'área de respeito' em que a construção era interdita e que –ao que parece pela documentação textual– tinha um tamanho proporcional ao território fora dos muros. O primeiro a identificar esta possibilidade, a partir de um texto de Tucídides sobre a tática de Péricles de abrigar toda a população da *khóra* ática no interior da *ásty* durante a Guerra do Peloponeso, foi o historiador italiano, Giuseppe Nenci (1979). A partir de seu estudo, pesquisadores têm se sentido tentados a identificar áreas, sem vestígios de construção no interior dos muros da *ásty*, como 'áreas de respeito'. A. Muggia (1997) definiu uma amostragem concreta de supostas áreas de respeito em 15 pólis e com métodos estatísticos tentou calcular a dimensão das *khórai* correspondentes. Apesar de ter que lidar com uma documentação extremamente lacunosa, o estudo de Muggia aponta caminhos

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		16 de 26

que podem vir a nos interessar no decorrer desta pesquisa sobre o relacionamento entre *ásty* e *khóra*. Tudo dependerá do tipo de documentação que encontrarmos pela frente

VII. Metodologia

A pesquisa sobre a organização da *khóra* grega –do território da cidade grega antiga- insere-se no âmbito das investigações que vem sendo realizadas pelo Labeca desde 2006. Ela vem colocada em continuidade ao que se vem realizando neste Laboratório, visando enriquecer nossa reflexão, nosso conhecimento sobre as antigas cidades gregas, seu funcionamento e formas de organização do espaço. Como já afirmamos anteriormente (em outros projetos, relatórios e artigos) para o arqueólogo-historiador clássico que lida com o disciplinamento do espaço, o grande desafio é tornar a cidade grega -como ambiente construído que é- em um documento, ou seja, um objeto, uma realidade física, portadora de informações sobre a sociedade que a produziu. Para o arquiteto moderno que estuda os ambientes construídos contemporâneos, estes estão dados, são visíveis, passíveis de serem fotografados, filmados, desenhados. Os ambientes construídos da Antiguidade clássica, como tudo o que conhecemos sobre ela, são fragmentários, dependem de textos antigos lacunosos e de vestígios materiais muitas vezes de difícil interpretação. Assim a metodologia de estudo tem que ser escolhida com cuidado, de sorte que possa potencializar e direcionar as informações para a(s) temática(s) definida(s).

As pesquisas realizadas no Labeca desenvolvem-se no contexto dos estudos de padrões de assentamento, característicos da Arqueologia como disciplina. Estudos que por sua vez vêm sendo cada vez mais enriquecidos pela abordagem interdisciplinar da moderna Arqueologia da paisagem. Já na década de 1970 ingleses e norte-americanos procuravam definir uma Arqueologia *do espaço* para conseguir melhor compreender a interação das sociedades com o espaço por elas apropriado.¹⁵ A arqueologia do espaço, no decorrer dos últimos decênios, recebeu a contribuição decisiva do avanço das técnicas de prospecção de superfície e pode assim se estruturar como uma área da Arqueologia que vem ganhando um corpo científico específico. A Arqueologia da paisagem, como vem sendo chamada, tem em comum com a Arqueologia espacial (ou do espaço) a concepção genérica de valorização do território como o espaço das ações humanas. Entretanto, enquanto a Arqueologia do espaço indica propriamente uma disciplina que destaca as relações espaciais intercorrentes entre as diversas evidências de um contexto arqueológico, a Arqueologia da paisagem focaliza a reconstrução total das paisagens antigas, além de tudo ali presente. Assim, o homem, o espaço e o tempo e as relações que entre eles ocorrem são os temas analisados neste âmbito disciplinar. (Veronese, 2006: 41) Nesta lógica interpretativa, portanto, o espaço não se configura como um simples e asséptico cenário ou moldura estática das atividades humanas; na verdade a realidade humana é nele projetada,

15 Na definição de Clarke, Hodder e Orton (1977): *spatial archaeology might be defined as the retrieval of information from archaeological spatial relationships and the study of the spatial consequences of former hominid activity patterns within and between features and structures and their articulation within sites, site systems and their environments.*

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		17 de 26

mas ele é ao mesmo tempo parte integrante desta realidade. O espaço é, então, o produto de uma construção social, um verdadeiro artefato e, por estes motivos é uma realidade variável, variabilidade que se relaciona à mudança dos atores sociais. (Idem: 42)

A nossa proposta de análise da *khóra* grega pretende, de acordo com o que expusemos acima, trazer à luz as inúmeras relações que se imbricam neste espaço e que dão à cidade antiga grega a sua especificidade. Os temas propostos abordam as questões da economia, da religião e simbologia e também as questões das relações de poder no território. Sem dúvida alguma, a interdisciplinaridade postulada pela Arqueologia da paisagem servirá de base para os nossos estudos. Lembramos aqui de passagem a tendência exposta pela geografia humana que propõe o estudo das paisagens de poder, por exemplo, visando produzir modelos analíticos aptos a simular e estudar a organização política do espaço antigo. É o que os britânicos chamariam de estudo das *Landscapes of power*. (Duncan, 1990: Introduction e Veronese, 2006: 46-47)

Não podemos também deixar de lembrar, no contexto da exposição de nossas pretensões neste projeto de pesquisa sobre a *khóra* grega, a contribuição dos estudos de arquitetura e urbanismo que se inserem nesta interdisciplinaridade da Arqueologia da paisagem e que em muito contribuiu para a primeira estruturação de nosso Laboratório de pesquisas.

Entre as muitas leituras metodológicas realizadas no Labeca queremos destacar a contribuição do arquiteto norte-americano Amos Rapoport. Sua perspectiva antropológica foi de grande inspiração colocando-nos em contato com muitas formas possíveis de se abordar o disciplinamento do espaço. Muitas das leituras realizadas posteriormente, sejam elas gerais sobre a Arqueologia da paisagem e sobre a organização do espaço nas sociedades, sejam elas específicas, sobre a organização do espaço na Grécia antiga nos mostraram a validade dos caminhos propostos por Rapoport.

De acordo com Rapoport, o conceito principal em uma abordagem antropológica do espaço é o de 'ambiente construído'. Conceito abstrato empregado para descrever os produtos da atividade humana de construir. No ambiente construído estão incluídos os tipos de edifícios, as moradias, os templos, os lugares de reunião que os homens constroem para abrigar, definir e proteger as atividades que realizam. Inclui também os pontos de referência no território e ainda sítios afastados das moradias como, por exemplo, os santuários em algumas sociedades. Os ambientes construídos incorporam igualmente formas construídas que podem estar constituídas por elementos específicos dos prédios tais como portas, paredes, pisos, telhados e chaminés ou como subdivisões espaciais dos edifícios e assim por diante (Rapoport, 1978: 17).

No estudo da interação entre os ambientes construídos e as pessoas que os produziram, é indispensável tentar revelar quais características dos seres humanos, seja como indivíduos seja como grupos, são relevantes na formatação de um ambiente particular. Em outras palavras, por que meios determinadas atividades ou processos mentais promovem a construção de ambientes específicos.

É preciso então considerar que o ambiente construído é uma manifestação cultural onde se materializam

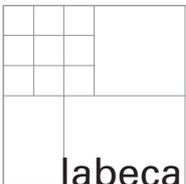
<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		18 de 26									

os traços organizacionais de uma sociedade assim como os seus aspectos cognitivos (Rapoport, 1982; Lawrence e Low, 1990). Para Rapoport não há uma única explicação, um único fator determinante que explique a variação do ambiente construído de uma sociedade para outra. Para ele, esta variação se explica por causas múltiplas: as formas construídas são, em princípio, influenciadas por fatores sócio-culturais complexos, modificados por respostas arquitetônicas a fatores climáticos e a limitações de materiais e de métodos. Por outro lado, o ambiente construído já estruturado proporciona índices para o comportamento, molda o comportamento das pessoas que interagem com ele e, portanto, pode ser considerado uma forma de comunicação não verbal, visual. Os ambientes construídos são capazes de facilitar ou de inibir –catalisar ou desencadear- comportamentos latentes; incluir ou excluir grupos sociais (Rapoport, 1982, cap.3; Perring, 1992; Nevett, 1999: cap.4; Malaco, 2003). Assim, entre os objetivos de quem estuda os ambientes construídos, encontra-se a preocupação em descobrir como a cultura os gera, e como o seu sentido é transmitido e apreendido; vale dizer, como as pessoas se apropriam deles, como os entendem e também como têm o seu comportamento influenciado por eles.

Ainda, de acordo com Amos Rapoport, se podemos distinguir a interação que existe entre as pessoas e o ambiente construído deveríamos poder também identificar o mecanismo que a formula: uma vez que os seres humanos compartilham traços comuns, deveríamos poder identificar processos invariáveis que expressem como interagimos com o ambiente construído (1978:18). As análises e os exemplos estudados por este autor em sua vastíssima obra oferecem, com efeito, inúmeros elementos que nos permitem compreender estes mecanismos, apontando caminhos para a interpretação dos vários ambientes construídos e mostrando a riqueza de informações que tal abordagem autoriza.

Assim os objetivos da nossa pesquisa sobre a *khóra* grega inserem-se em uma perspectiva interdisciplinar de estudo da polis: as paisagens e os ambientes construídos, apropriados e re-apropriados pelo *homem* e a identificação das estruturas sociais neles materializadas. Quando propomos o estudo do território da cidade, entendemos 1) que os dois elementos da organização do espaço –cidade e território- com características próprias mas com um funcionamento compassado, emolduraram, como ambiente construído, durante os períodos arcaico, clássico e helenístico, a sociedade grega; 2) que o estabelecimento dos mecanismos que levaram os gregos a optar por uma ou outra alternativa no disciplinamento do espaço em que vivem e a definição das formas de interação que mantinham com a paisagem e o ambiente construído têm uma contribuição importante para o conhecimento da sociedade grega e de suas transformações no decorrer destes períodos. Por outro lado, os resultados obtidos com o estudo do caso grego poderão ser utilizados como referência para o estudo de outras sociedades do mundo antigo.

Como, necessariamente teremos que compreender os códigos embutidos nos traços da cidade e do território gregos, será indispensável conhecer o contexto da sua criação e da sua apropriação no tempo. Para tanto, acreditamos que a reunião de uma documentação sistemática sobre a cidade -e agora no caso desta investigação específica- sobre a *khóra* gregas, a comparação entre as várias pólis e a identificação de constantes e variáveis podem, sem dúvida trazer um aporte fundamental para a compreensão desse

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		19 de 26

fenômeno. Em nosso entender, faz falta uma abordagem mais 'integrativa' da cidade grega que promova um aproveitamento melhor do potencial do documento material assimilando-o ao que a discussão dos textos antigos permite entrever.

VIII. Resultados esperados

Pretendemos manter o Labeca mobilizado em torno da pesquisa deste tema, atuando em várias frentes. Do planejamento discutido em equipe constam¹⁶:

- Reuniões para a discussão de leituras a cada três ou quatro semanas
- Duas viagens de pesquisa à Grécia: para visitação de sócios com vistas ao levantamento fotográfico e de filmes; levantamento de bibliografia e de relatos de escavação, recuperação de plantas, mapas, reconstituic es das antigas cidades gregas;
- Criação de um núcleo específico de pesquisas sobre organização do território em áreas de contato intenso com os gregos nos extremos leste e oeste do Mar Mediterrânico, com destaque para os territórios de ocupação p nica e para as cidades gregas do Mar Negro;
- Encerramento de pesquisas de IC, ME, DO e PD ora em andamento no Labeca (vide quadro das pesquisas mais acima p. 3A e 3B);
- Organização de dois simpósios nacionais;
- Organização de um simpósio internacional;
- Publicação de todos os resultados preliminares e finais em meio impresso e no site do Labeca de sorte a amplificar o debate científico sobre a cidade grega antiga em termos nacionais.
- Continuidade da pesquisa iconográfica sobre as pólis gregas e disponibilização de material desta pesquisa por via de Banco de Imagens no site Labeca para uso de outros pesquisadores;
- Continuidade da pesquisa de termos vinculados à cidade antiga grega para disponibilização no site Labeca, para uso de outros pesquisadores;
- Aprofundamento da pesquisa sobre *Linguagem visual da arqueologia* por via da produção de dois v deodocument rios/audiovisuais (com perspectiva do desenvolvimento de uma série) e de duas exposições fotográficas.

IX. Bibliografia

A bibliografia abaixo inclui os títulos citados neste projeto e parte de um levantamento preliminar já realizado e específico com relação   *kh ra* grega. A esta bibliografia devem ser somados os títulos já reunidos no projeto anterior e que fazem parte do acervo bibliográfico do Labeca. (vide o site www.labeca.org).

16 Vide também o cronograma mais adiante nesta solicitação com detalhamento de atividades das pesquisa.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		20 de 26

mae.usp.br/labeca)

AAVV **La città e il suo territorio.** Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia, 8-12 de outubro, 1967. Nápoles, l'Arte Tipografica, 1968.

AAVV **Città e território nelle colonie greche d'occidente.** Istituto per la storia e l'archeologia della magna Grecia; Centre Jean Bérard. Série de vários volumes publicados a partir da década da 1990 com mapas comentados sobre o tema.

AAVV **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero.** Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001.

AAVV **Confini e frontiera nella Grecità d'Occidente.** Atti del trentasettesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 3-6 ott 1997. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 1999.

ADAMESTEANU, D. "Problemi topografici ed urbanistici metapontini". *ACISMGr*, XIII, 1973.

ADAMESTEANU, D. "Le suddivisione di terra nel Metapontino". Em M. Finley (ed.) *Problèmes de la terre em Grèce ancienne*. Paris, Mouton, 1973: 49-62.

ALCOCK, S. e CHERRY, J. F. **Side by Side Survey. Comparative Regional Studies in the Mediterranean World.** Oxford, Oxbow Books, 2004.

ASHERI, D. "A propos des sanctuaries extraurbaines en Sicile et Grande-Grèce: theories et témoignages". Em AAVV **Mélanges Pierre Lévêque**, 1, Université de Besançon, 1988: 1-15.

BARKER, G. e LLOYD, J. **Roman Landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region.** Archaeological Monographs of the British School at Rome, n. 2, Londres, 1991.

BELVEDERE, O. "Il territorio di Himera e il problema della chora coloniale in Sicilia". **Problemi della chora coloniale dell'Occidente al Mar Nero.** Atti del 40o. Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto, 2000:707-755.

BIANCO, S. "La chora di Siris-Herakleia" Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero.** Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 stt-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 807-818.

BINTLIFF, J. L. and SNODGRASS, A. 'The Cambridge – Bradford Boeotian Expedition: The first four years'. **JFA**, 12, 1985:123-161.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		21 de 26

BRUNET, M. "Le territoire de Thasos". Em AA VV, **L'espace grec. 150 ans de fouilles de l'École française d'Athènes**. Paris, Fayard, 1996: 51-58.

BRUNET, M. "A propos des recherches sur les territoires ruraux en Grèce egeenne: un bilan critique". Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero**. Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 27-46.

BUIISKIKH, A. e S. "I siti di Olbia e della sua chora nel período della colonizzazione greca" Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero**. Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 667-682.

CAHILL, N. **Household and city organization at Olynthus**. Yale University Press, 2002.

CAMASSA, G., De GUIO, A. e VERONESE, F. **Paesaggi di potere: problemi e prospettive**. Atti del convegno. Udine 16-17 maggio, 1996.

CARTER, J. C. **Discovering the Greek Countryside at Metaponto**. Thomas Spencer Jerome Lectures - Twenty-third Series. The University of Michigan Press/ Ann Arbor, 2006

CARTER, J. C.; MACK, G. R. (ed.). **Crimean Chersonesos: City, Chora, Museum, and Environs**. Austin: The National Preserve of Tauric Chersonesos/ Institute of Classical Archaeology – The University of Texas at Austin, 2003

CARTER, J. C. **The study of ancient territories – Chersonesos & Metaponto**. 2004 Anual Report. Austin: Institute of Classical Archaeology. The University of Texas at Austin, 2004.

CERCHIAI, L. *et alii* **Greek Cities of Magna Graecia and Sicily**. Getty Publications, 2004.

CHEVITARESE, A. L. **O espaço rural da pólis grega. O caso ateniense no período clássico**. Rio de Janeiro, Fábrica de Livros, 2001.

CHTCHEGLOV, A. **Pólis et Chora. Cité et territoire dans le Pont-Euxin**. Besançon, Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 1992.

CLARKE, D.L. (ed.) **Spatial Archaeology**. New York, Academic Press, 1977.

DAVERIO-ROCCHI, G. **Frontiera e Confini nella Grecia Antica**. Roma, L'Erma di Bretschneider, 1988.

	PROGETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		22 de 26

DE GUIO, A. "Alla ricerca del potere: alcune prospettive italiane". Em Herring, E., Whitehouse, R. e Wilkins, J. (eds.) **The Archaeology of Power**, 1, Papers of the Fourth Conference of Italian Archaeology. London. 199:153-192.

DE POLIGNAC, F. **Cults, territory and the origins of the Greek city-state**. Universidade de Chicago, 1996.

DI STEFANO, G. "La chora di Camarina". **Problemi della chora coloniale dell'Occidente al Mar Nero**. Atti del 40o. Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto, 2000: 689-705.

Di VITA, A. "Un contributo all'urbanistica greca di Sicilia: Casmene". **Atti del 7º. Congresso di Archeologia Clássica**. Roma, L'Erma, 1961, II: 69-77.

DUFKOVA, M. e PECIRKA, J. Excavations of Farms and Farmhouses in the Chora of Quersonesos in the Crimea. *Eirene*, 8, 1970: 123-174.

DUNCAN, J.S. **The city as a text. The politics of landscape interpretation in the Kandyan kingdom**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

FOXHALL, L. "Cultures, landscapes and Identities in the Mediterranean world". Em Malkin, I. **Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity**. London, Routledge, 2005: 75-92.

FINLEY, M. (ed.) **Problèmes de la terre en Grèce ancienne.: recueil de travaux**. Paris, Centre de recherches compares sur les sociétés anciennes Louis Gernet. Paris, La Haye, Mouton, 1973.

FISCHER-HANSEN, T. "The earliest town planning of the Western Greek colonies, with special regard to Sicily" em M.H.HANSEN (ed.) *Introduction to an Inventory of 'Poleis'*. Symposium August, 23-26 1995, Acts of the Copenhagen Pólis Centre, vol. 3. Copenhagen, 1996: 317-373.

GALLO, L. "La pólis e lo sfruttamento della terra". Em GRECO, E. **La città greca antica. Istituzione, società e forme urbane**. Roma, Donzelli ed., 1999: 37-54.

GIANGIULIO, M. "L'eschatia. Prospettive critiche su rappresentazioni antiche e modelli moderni". Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero**. Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 333-361.

GRAS, M. **O Mediterrâneo Arcaico**. Lisboa, Ed. Teorema, 1998 (1995).

GRECO, E. **La città greca antica. Istituzione, società e forme urbane**. Roma, Donzelli ed., 1999.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
		23 de 26

GRECO, E. **Archeologia della Grecità Occidentale**. Bologna, Monduzzi Editore, 2008.

GRECO, E. "Dal territorio all città: Lo sviluppo urbano di Taranto". **AION ArchStAnt**, III, 1981: 139-157.

GRECO, E. "Velia e Palinuro. Problemi di topografia antica". **Mélanges de l'École Française à Rome**, 87, 1975: 81-142.

GRECO, E. "Abitare in campagna". Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero**. Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett - 3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 171-201.

GUALTIERI, M. **Fourth century BC Magna Grecia: a case study**. Jonsered, Paul Astroms Forlag, 1997.

GUZZO, P.G. "Schema per la categoria interpretativa dei *santuari di frontiera*". **Sc. Ant.** 1, 1987: 373-379.

GUZZO, P.G. "Le città: forme e componenti". In In SETTIS, S. **Storia della Calabria antica**, vol.1. Reggio Calabria, Gangemi Ed., 1987: 479-507.

HALL, J.M. "Alternative responses within pólis formation: Argos, Mykenai and Tyrins". In ANDERSEN, H.D. , HORSNAES, H.W., HOUBY-NIELSEN, S. e RATHJE, A. (Eds.) **Urbanization in the Mediterranean in the 9th to the 6th centuries B.C. Acta Hyperborea**, 7, 1997: 89-109.

HANSEN, M.H. **The shotgun Method. The demography of the ancient Greek city-state culture**. London and Columbia, The University of Missouri Press, 2006.

HANSON, V. D. **The Other Greeks: the Family Farm and the Agrarian Roots of Western Civilization**. University of California Press, 1999 (2a. ed.).

IANELLI, M.T. "Caulonia: note di topografia urbana" In PASQUA, R.B. e SPADEA, R. **Kroton e il suo territorio tra VI e V secolo a.C. Aggiornamenti e nuove ricerche**. Atti del Convegno di Studi. Crotone, 3-5 marzo, 2000: 223-243.

JAMESON, M. "Class in the ancient Greek countryside" Em DOUKELLIS, P.N. e MENDONI, L.G. **Structures rurales e Sociétés Antiques**. Actes du Colloque de Corfu, 14-16 de maio 1992: 55-63.

LAWRENCE, D.L. e LOW, S. 'The built environment and spatial form'. **Annual Review of Anthropology**, 1990: 453-505.

LEONE, R. **Luoghi di culto extraurbani d'età arcaica in Magna Grecia**. Firenze, Casa editrice Le lettere, 1998.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										PROGETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		24 de 26									

LEPORE, E. Problemi dell'organizzazione della chora coloniale. Em M. Finley (ed.) **Problèmes de la terre em Grèce ancienne**. Paris, Mouton, 1973: 15-48.

LEPORE, E. "Ricerche sulla chora posidoniata: il paesaggio agrario dalla fondazione della città alla fine del sec. IV a. C.", *Dialoghi di Archeologia*, 1979, ns. 1-2: 7-26.

LEPORE, E. "Ricerche sulla chora posidoniata: il paesaggio agrario dalla fondazione della città alla fine del sec. IV a. C.". *Dialoghi di Archeologia*, 1979, ns. 1-2: 7-26.

LOMBARDO, M. "Greci e indigeni in Calabria: aspetti e problemi dei rapporti economici e sociali". Em SETTIS, S. **Storia della Calabria antica**, vol.3. Reggio Calabria, Gangemi Editore, 1994: 57-141.

MALACO, J.T.S. **Dois ensaios: Cidade, ensaio de aproximação conceitual; Espaço, propriedade, liberdade**. Guarujá, Alice Foz, 2003.

MARTIN, R. "Rapport entre les structures urbaines et les modes de division et exploitation du territoire". Em M. Finley (ed.) **Problèmes de la terre en Grèce ancienne**. Paris, Mouton, 1973 : 97-112.

MERTENS, D. **Città e monumenti dei Greci d'Occidente**. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 2006.

MOREL, J.P. "Les enseignements des cas d'études: la chora dans tous ses états". Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero**. Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 823-837.

MUGGIA, A. **L'area di rispetto nelle colonie magno-greche e siceliote**. Palermo, Sallerio editore, 1997.

NENCI, G. "Oikopedon e gepedon. Contributo al lessico urbanistico Greco". Em Em AAVV **Mélanges Pierre Léveque**, 7, Université de Besançon, 1993: 273-286.

NEVETT, L. **House and Society in the ancient Greek World**. Cambridge University Press, 1999.

OSANNA, M. "Fattorie e villaggi in Magna Grecia". Em **Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mare Nero**. Atti del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. Taranto, 2001: 204-220.

OSANNA, M. **Chorai coloniale da Taranto a Locri**. Roma Istituto Poligrafico dello Stato, 1992.

PANVINI, R. **Storia e Archeologia dell'antica Gela**. Torino, Società Editrice Internazionale, 1996.

	PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
labeca		25 de 26

- PARKER PEARSON, M. e RICHARDS, C. (eds.). **Architecture and Order: Approaches to Social Space**. Londres, Routledge, 1994. Ver especialmente, dos mesmos autores: "Ordering the World: perceptions of architecture, space and time" (1-37) e "Architecture and order: spatial representations and archaeology" (38-72).
- PERRING, D. "Spatial organization and social change in Roman Towns". Em Rich, J. e Wallace-Hadrill A. **City and Country in the Ancient World**. London, Routledge, 1991: 273-293.
- POLIGNAC, F. **La naissance de la cité grecque. Culte, espace et société au VIII-VII siècles av. J.-C.** Paris, Ed. La découverte, 1984.
- RAPOPORT, A. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Barcelona, GG, 1978.
- RAPOPORT, A. **The meaning of built environment: a non-verbal communication approach**. University of Arizona Press, 1982.
- RENFREW C. e CHERRY, J. **Peer Polity Interaction and social-political change**, Cambridge University Press, 1986.
- ROBERT, L. "Recherches epigraphiques". **REA**, XLII, 1960.
- ROUSSET, D. "Les frontières des cites grecques. Premières reflexions à partir du recueil des documents épigraphiques". **Cahiers du Centre Gustave Glotz**, V, 1994: 97-126.
- RUGA, A., ROUBIS, D., RESCIGNO, C. e FIORILLO, R. Ricerche nella chora meridionale di Crotona: prospezioni e scavi (1990-1991). In PASQUA, R.B. e SPADEA, R. **Kroton e il suo territorio tra VI e V secolo a.C. Aggiornamenti e nuove ricerche**. Atti del Convegno di Studi. Crotona, 3-5 marzo, 2000: 149-206.
- SCHALLIN, A.-L. "Urban Centres, Central Places and Nucleation in Greek Islands versus the Greek Mainland". In ANDERSEN, H.D., HORSNAES, H.W., HOUBY-NIELSEN, S. e RATHJE, A. (Eds.) **Urbanization in the Mediterranean in the 9th to the 6th centuries B.C. Acta Hyperborea**, 7, 1997: 17-39.
- SCHMIEDT, G. CHEVALLIER, R. **Caulonia e Metaponto. Applicazione della fotografia aerea in ricerche di topografia antica nella Magna Grecia**. Firenze, 1959.
- SARTORI, G. **A política**. Brasilia, UnB, 1979.
- SERAFINO, C. **Locri Antica e il suo territorio**. Cuneo, Editrice "Il Portichetto", 1991.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA (2010-2014)	12 / 2009
	26 de 26										

SMITH, A.T. - The political landscape Constellations of Authority in Early Complex Polities. University of California Press. Berkeley,2003.

SNODGRASS, A. "Interaction by design: the Greek city state". Em RENFREW C. e CHERRY, J. **Peer Polity Interaction and social-political change**, Cambridge University Press, 1986: 47-58.

TORELLI, M. "Greci e indigeni in Magna Grecia: ideologia religiosa e rapporti di classe" **St. Storici**, 18.4,1977: 45-61.

VALLET, G. La Cité et son Territoire. Em : **Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia**, 8-12 de outubro, 1967. Nápoles, l'Arte Tipografica,

VERONESE, F. **Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia arcaica**. Pádua, Esedra, 2006.

WASOWICZ, A. "Le programme urbaine de la pólis grecque" Em **Architecture et société. De l'urbanisme grec à la fin de la republique romaine**. Actes du Colloque international Rome 2-4 dec. 1980. Coll. EFR 66, 1983: 87-91.

WASOWICZ, A. **Olbia Pontique et son territoire. L'aménagement de l'espace**. Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 168. Paris Les Belles Lettres, 1975.

WISEMAN, J.; ZACHOS, K. (ed.). **Landscape Archaeology in Southern Epirus, Greece I**. The American School of Classical Studies at Athens/ **Hesperia Supplement**, 32, 2003.